

O trabalho e o casamento no Japão pelos olhos de Retsuko

Work and marriage in Japan from Retsuko's eyes

Bruna dos Santos Faria ¹
Thayna Nascimento Campos ²
Elisa Figueira de Souza Corrêa ³

Resumo: O presente artigo foi concebido através de reflexões propostas em reuniões do Animalettras, um projeto de pesquisa independente que analisa animações sob a luz de conceitos trabalhados na área da Letras. A animação em questão chama-se Aggretsuko, um anime original Netflix que debate, entre outros assuntos, questões relacionadas ao mercado de trabalho japonês e como o modelo capitalista impacta instituições como o casamento. Para examinar essa obra, foi utilizado o conceito de *Office Lady* e as reflexões existentes acerca do termo, que dialogam com a realidade social imposta pelo sistema capitalista e patriarcal no qual a sociedade em questão está inserida. Apesar de ser um desenho de comédia, Aggretsuko levanta debates delicados e relevantes sobre e para a sociedade japonesa como um todo.

Palavras-chave: Cultura japonesa. Capitalismo. Office Lady.

Abstract: The present article was conceived through reflections proposed in reunions of Animalettras, an independent research project that analyzes animations from the perspective of concepts that belong to the Letters and Linguistics areas. The animation in question is called Aggretsuko, a Netflix original anime that debates among other subjects, issues related to the Japanese labor market and how the capitalist model impacts institutions such as marriage. To examine this work, it was used the concept of *Office Lady* and the reflections related to this theme that dialogue with the social reality imposed by the capitalism and patriarchal system which the society in question belongs to. Despite being a comedy cartoon, Aggretsuko draws the attention to relevant and delicate debates about and for Japanese society as a whole.

Keywords: Japanese Culture. Capitalism. Office Lady.

¹ Filiação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Última titulação: Bacharel em Letras - Português/Japonês. E-mail: 96brunafaria@gmail.com.

² Filiação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Última titulação: Graduanda em Letras - Português/Japonês. E-mail: thaynasama@gmail.com.

³ Filiação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Última titulação: Doutora em Letras. E-mail: elisa.correa@uerj.br.

1 Introdução

Aggretsuko ou Aggressive Retsuko (アグレッシブ烈子/Aggresshibu Retsuko) é uma produção original Netflix lançada em 2018 e dirigida por Rarecho, diretor e escritor do estúdio de animação *Fanworks*. A personagem principal dessa história já era mascote da Sanrio (a mesma empresa de Hello Kitty, Gudetama, entre outros mascotes) e havia aparecido em uma série de cem curtas de um minuto do mesmo diretor em 2016, como parte do programa de televisão *Ō-sama Brunch*, transmitido no Japão pela *TBS Television*.

O anime conta a história de Retsuko, uma panda-vermelho (neste universo, todos os personagens são animais antropomorfizados) que trabalha num cargo de baixo escalão, no setor de contabilidade de uma grande empresa japonesa. Para extravasar o estresse da rotina de trabalho, ela tem como passatempo cantar *death metal* em karaokês. Apesar da premissa da série ser bem única, o que destaca Aggretsuko das outras obras japonesas atuais é a maneira real e impiedosa como descreve a sociedade japonesa contemporânea, principalmente quanto às questões que envolvem o trabalho no Japão. A animação é uma sátira que levanta debates sobre esse assunto e consegue abordar de maneira leve e divertida problemas como machismo no meio de trabalho, abuso de poder e a inevitabilidade do trabalho no mundo capitalista, utilizando a estética *kawaii*⁴ como um contraste com a dura realidade que o anime retrata.

Note-se que o nome da protagonista diz muito sobre a história. O nome Retsuko (烈子) possui dois ideogramas: 烈 (retsu) significa furioso, violento. É o ideograma que aparece em sua testa enquanto está cantando. O segundo ideograma, 子 (ko), significa “criança” ou “jovem mulher”. Em suma, Retsuko é uma mulher jovem extremamente furiosa.

2 Trabalho e gênero no Japão: um panorama histórico

O processo de reconhecimento dos direitos de igualdade de gênero no Japão ocorreu de forma lenta devido, em partes, à tradicional posição subalterna da mulher na sociedade. A família é vista como uma instituição que deve ser liderada. A administração do lar e do trabalho doméstico, por exemplo, é uma tarefa tradicionalmente incumbida às mulheres, que normalmente acabam ocupando uma posição de submissão, primeiramente em relação a seus pais e depois em relação ao marido. Este, por sua vez, ocupa o lugar de chefe da família e fica responsável por trabalhar e prover o lar.

Desde o período feudal podemos notar que as mulheres ao se casarem têm suas vidas girando em torno da família e das necessidades dos filhos e dos maridos. Para atenderem a essa expectativa, as mulheres chegavam a receber uma educação diferente da dos homens, para que aprendessem a como administrar e cuidar do lar e como educar os filhos. De acordo com Shimada, Feitosa e Oliveira em *O papel da mulher ao longo da história* (2021), durante o período Tokugawa

⁴ A palavra *kawaii* pode significar: fofo, adorável, amável, inocente, infantil, pequeno, precioso, etc. É usado para designar um sentimento de atração por algo que evoca cuidado; algo bonitinho, que deve ser amado. O *kawaii* como estética surgiu na década de 70, e refere-se a tudo que é fofo e infantilizado com a intenção de provocar sentimentos de cuidado e carinho. Termo frequentemente usado na moda e na cultura pop.

(1600 – 1868), as mulheres não tinham direitos legais e seus destinos ficavam a mercê da vontade dos líderes da família, o que as impossibilitava de comprar propriedades e até mesmo de aprender a escrita formal, tendo seu aprendizado limitado ao *hiragana*, um sistema que atualmente é utilizado plenamente na língua japonesa, mas que naquele período era visto como menos prestigioso que os caracteres chineses.

Normalmente, os caracteres chineses eram usados em contextos mais formais, como em documentos oficiais e acadêmicos, portanto, como mulheres não ocupavam espaços de influência social, a escrita utilizada por elas se limitava ao *hiragana*, que era voltado para o registro de relatos pessoais.

Com a queda do sistema feudal em 1867, houve também a ascensão da “revolução industrial” japonesa, que precisou da força de trabalho de homens e mulheres para aumentar a industrialização e urbanização do país. Shimada, Feitosa e Oliveira também mencionam que em 1900, cerca de 250 mil mulheres trabalhavam em indústrias têxteis e de autopeças, totalizando 63% da força de trabalho industrial.

Ocorreu também a diminuição da autoridade dos pais e maridos sobre as mulheres, mas muitas ainda sofriam pressão para serem donas de casa e mães exemplares. As mulheres foram encorajadas também a seguir o lema “umeyo fuyaseyo (生めよ増やせよ)”, traduzível como “produzir mais bebês e aumentar a população”, ou seja, uma ideia que supunha que o aumento da população permitiria que o Japão se equiparasse às grandes potências ocidentais.

Mesmo com a influência ocidental, a implementação dos direitos igualitários essenciais, como o acesso ao voto e às instituições de ensino superior, e também a possibilidade de ocupar cargos até então considerados apenas para homens e a igualdade de salários para desempenhar as mesmas funções, entre outras melhorias, só ocorreram após a Segunda Guerra Mundial, no período Showa (1926 – 1989). Atualmente, segundo Shimada, Feitosa e Oliveira:

foi realizada uma pesquisa pelo Fórum Econômico Mundial (WEF), sobre a desigualdade/igualdade de gênero, [na qual] constatou-se que o Japão se encontra no 120º lugar na classificação atualmente, porém o país, em 2020, estava no 121º lugar na classificação, sendo assim, o país ainda terá um longo caminho pela frente para mudar essa situação. (2021, p. 13)

3 As “Office Ladies”

Retsuko se apresenta como uma mulher solteira, de 25 anos, do tipo sanguíneo A e do signo de Escorpião. Nenhuma dessas informações é dada por acaso: antigamente, em alguns lugares da Ásia, 25 anos era uma idade considerada limite para o casamento (principalmente para mulheres). Já o tipo sanguíneo A, de acordo com a crença existente no Japão de que o tipo sanguíneo pode exercer influência sobre a personalidade do indivíduo, diz respeito a pessoas sérias e com bom temperamento, que tentam esconder as emoções para se mostrarem mais fortes, mas interiormente são frágeis.

Também possuem dons artísticos, mas têm tendências empresariais. O signo de Escorpião, por sua vez, é considerado um dos signos mais intensos do Zodíaco, sendo muito intuitivo, emocional e

apaixonado, ao mesmo tempo que é responsável, exigente e observador. Essas características descrevem bem algumas das questões que são abordadas no anime: o casamento é um assunto que atravessa a protagonista de uma maneira bem curiosa; e as características de seu tipo sanguíneo e signo dizem muito sobre a dificuldade de Retsuko de se adaptar à vida adulta.

A protagonista está constantemente escondendo seus sentimentos, se esforçando para ser apenas uma pessoa séria e responsável em seu ambiente de trabalho. Ao mesmo tempo, é uma pessoa intensa e sensível, por isso sente tanto os impactos de cada situação profissional desagradável.

Apesar de o enredo falar sobre questões universais e facilmente identificáveis para qualquer adulto que se encontre no mercado de trabalho, Aggretsuko também levanta questões específicas da sociedade japonesa, como o conceito de *Office Lady* ou OL (オーエル). Por vezes, essas mulheres também são chamadas de *shokuba no hana* (職場の花), que significa literalmente “flores do escritório” - dando a ideia de que servem apenas para embelezar e trazer um ar de jovialidade ao ambiente.

Ou seja, as OLs são mulheres que trabalham no meio corporativo, porém exercem apenas tarefas simples, como fazer chá e tirar cópias. Sem grandes oportunidades de subir de cargo, as OLs são desencorajadas a seguir carreira profissional desde seu ingresso no mercado de trabalho, restando apenas o casamento como possibilidade de “futuro socialmente reconhecido”. Note-se que, no Japão, ainda é comum que algumas mulheres parem de trabalhar ao se casarem, para se dedicarem ao trabalho do lar.

Em Aggretsuko, vemos como é a vida de uma *Office Lady*, como são tratadas por seus superiores e como (possivelmente) se sentem em relação à posição inferior na qual são colocadas diariamente. A protagonista, quando sozinha, está constantemente precisando descarregar a raiva que sente através da música, com letras revoltadas que comentam as situações que enfrenta no trabalho. Em contraste, cara a cara, Retsuko recebe as duras críticas de seu chefe de maneira passiva e paciente, mantendo a máscara social que precisa usar para sobreviver em seu trabalho.

Em contraponto à Retsuko, existe a personagem Tsunoda, que é retratada como exatamente o que se espera de uma OL. Por passar boa parte de seu tempo bajulando o chefe, Tsunoda acaba tendo alguns privilégios, como receber uma carga menor de trabalho e não ser insultada o tempo todo como acontece com Retsuko, que é chamada constantemente de *Koshikake* (腰掛け), que significa “alguém que está num trabalho temporário enquanto procura por um emprego melhor ou por um casamento”.

Outras personagens femininas que também causam uma sensação de contraste são Washimi e Gori, duas mulheres mais velhas que ocupam cargos mais altos na mesma empresa de Retsuko. Quando essas personagens são introduzidas na história, fica nítido que são vistas praticamente como celebridades, explicitando o quão raro é que mulheres alcancem posições de destaque nesse tipo de ambiente.

De acordo com uma pesquisa realizada pela *Reuters Corporate Survey* em setembro de 2018, apenas 10% das empresas japonesas afirmaram ter mulheres em 10% dos cargos de gerência; 75% das empresas disseram ter menos de 10%; e 15% informaram não ter nenhuma mulher em cargos de liderança e gerência.

4 A prisão do trabalho

O abuso de poder é um dos problemas retratados na animação. Apesar de muito comum no meio corporativo como um todo, no Japão tem nuances bem particulares. A estrutura hierárquica da sociedade e a cooperatividade e dedicação que as empresas esperam de seus funcionários dão abertura para que situações de abuso ocorram, assim como longas jornadas de trabalho repletas de horas extras.

De acordo com o portal de notícia *Global Voices*, “O ‘abuso de poder’ no contexto japonês inclui impor horários de trabalho incomuns, obrigar os funcionários a trabalhar horas extras sem remuneração, intimidação verbal e abuso emocional”. Esse cenário problemático gera efeitos como o “karoshi (過労死)” ou “morte por excesso de trabalho”, que é reconhecido pelo governo do Japão há 40 anos como um problema grave na cultura trabalhista do país.

Na animação, a hierarquia no ambiente de trabalho de Retsuko é bem demarcada e todos os personagens do escritório sofrem, em algum grau, com o assédio moral do Supervisor Porcão, chefe da contabilidade. No dia a dia, o chefe passa o expediente treinando tacadas de golfe enquanto sobrecarrega seus subordinados, que precisam encarar longas e exaustivas jornadas de trabalho. Enquanto isso, os funcionários lidam com o medo de denunciar seus superiores e acabam sofrendo reprimendas por isso.

Na primeira temporada, vemos duas situações que comentam esse contexto: numa delas, Retsuko desabafa com as amigas Washimi e Gori sobre o assédio moral que sofre na empresa, e as duas usam de suas influências, por possuírem cargos mais altos, para tentar ajudar a amiga. Elas reportam o caso para o presidente da empresa, porém mantendo a identidade de Retsuko em segredo para que não fosse prejudicada. Como resultado, o Supervisor Porcão apenas finge mudar seu comportamento até descobrir quem fez a denúncia e, após saber que foi Retsuko, passa a tratá-la mais agressivamente e chega a aumentar a carga de trabalho da panda.

A outra situação é quando o personagem Anai, subordinado da protagonista, é contratado. O novato tem tanto medo de sofrer assédios no ambiente de trabalho que passa todo o tempo de treinamento na defensiva e interpreta toda a tentativa de Retsuko de ensinar os ofícios da empresa como ofensas pessoais, chegando a reportar um assédio que a personagem não cometeu. Por fim, as ações que os funcionários tomam para tentar amenizar as situações de abuso apenas desfavorecem os que ocupam cargos mais baixos, incluindo a protagonista e seus colegas.

Mesmo num ambiente de trabalho desagradável e sonhando com a possibilidade de sair do seu emprego, a panda-vermelho acaba nunca concretizando esse desejo de fato. Na primeira temporada, Retsuko pensa em sair da empresa para começar um negócio com uma amiga e,

assim, tornar-se uma empreendedora – o que acaba rejeitando para manter sua estabilidade financeira e profissional. Mais tarde, no fim da segunda temporada, vemos que o empreendimento da amiga não deu certo, mostrando o quanto tentar se desvencilhar das relações de trabalho tradicionais também não traz a tranquilidade que Retsuko tinha imaginado.

Na terceira temporada, a personagem parece finalmente ter encontrado seu lugar como cantora de um *idol group*⁵, no qual ela tem a oportunidade de cantar *death metal* profissionalmente. No entanto, Retsuko não consegue abrir mão de seu emprego, por ser, de certa forma, parte importante de quem ela é.

4.1 Honne e tatemae

No Japão, existem dois conceitos que conversam muito com a relação de Retsuko com a sua faceta raivosa que aparece nos karaokês, que são “honne” e “tatemae”. O primeiro deles, “honne 本音”, significa literalmente “som verdadeiro” e refere-se à parte mais honesta da personalidade de uma pessoa, suas verdadeiras opiniões e intenções. O segundo conceito, “tatemae 建前” significa “construído na frente”, e diz respeito à personalidade que criamos para conviver em sociedade.

Normalmente, esses conceitos se conectam com as relações que se dão fora do círculo mais íntimo do indivíduo, passando principalmente pelas relações de trabalho. Na obra, Retsuko parece saber separar muito bem essas duas faces de sua personalidade, reservando seus verdadeiros sentimentos e opiniões para quando está no karaokê.

No entanto, o fato de sentir a necessidade de gritar suas frustrações quanto à sua vida profissional mostra um sintoma de uma sociedade que sofre com um sistema de trabalho desagradável, numa cultura que naturaliza a repressão de sentimentos negativos para evitar conflitos. Essa necessidade de evitar confrontos faz parte da mentalidade japonesa de cooperação e respeito ao próximo, o que, naturalmente, tem seus pontos positivos, entretanto, acaba gerando uma ansiedade coletiva quanto à inibição de sentimentos de modo geral, especialmente quando se está sob um sistema de trabalho altamente explorador dos indivíduos, como o capitalismo contemporâneo.

Acredita-se que a cooperatividade e o coletivismo característicos da cultura japonesa são traços que foram se desenvolvendo na sociedade principalmente por influência dos desastres naturais que assolam o país, obrigando a população a ter um grande poder de reconstrução e organização coletiva. Esses aspectos foram levados para o mercado de trabalho, de modo que as empresas são consideradas instituições pelas quais as pessoas precisam dar o seu melhor, e acabam exigindo de seus funcionários todo o esforço e empenho que possam dispor em nome da empresa.

O fato de Retsuko ter optado por não seguir com sua carreira de *idol* também se relaciona com *honne* e *tatemae*. Embora o assédio e a perseguição que sofrera com a exposição de se tornar uma pessoa

⁵ Normalmente associado ao *J-pop* (música popular japonesa), os *idol groups*, são grupos de jovens artistas que foram treinados para serem celebridades da mídia, que cantam, dançam e trabalham como modelos, além de ter talentos diversos que os permitam participar de programas de variedade, publicidade e até mesmo atuação. A ideia de “ídolo” é muito mais ligada a carisma, popularidade e status perante o público do que a seus dotes artísticos.

pública também tenham sido determinantes na decisão da panda, o hábito de cantar *death metal* foi construído no decorrer das temporadas como a representação do *honne* da protagonista, sendo seu lugar seguro e a ferramenta que utiliza para conseguir manter seu *tatema* intacto. Por isso, transformar seu passatempo em trabalho seria inviabilizar essa dinâmica, ou seja, Retsuko perderia o lugar onde tem a liberdade de expor seus verdadeiros sentimentos.

5 O impasse do casamento

A instituição do casamento no Japão também possui suas particularidades. Existem dois tipos de casamento no país: *Omiai kekkon* (お見合い結婚), que são casamentos arranjados, e *Ren'ai kekkon* (恋愛結婚), que são casamentos por amor. Os casamentos por amor só passaram a se popularizar mais recentemente. De acordo com Shimada, Feitosa e Oliveira:

Os casamentos realizados por *omiai* (casamento arranjado), bem como o abandono do posto de trabalho após o matrimônio para que a mulher pudesse se dedicar exclusivamente ao marido e aos filhos, ainda estavam profundamente enraizados na sociedade Pós-Segunda Guerra Mundial. Na década de 50, cerca de 80% dos casamentos eram arranjados. O número se reduziu pela metade na década de 80, e no período Heisei (1989 – 2019), apesar de os casamentos arranjados (*Omiai*) ainda existirem, porém com maior liberdade para fazer escolhas individuais, as mulheres japonesas preferem conseguir um parceiro por conta própria. (2021, p. 11-12)

O *omiai* é uma prática antiga que, mesmo sendo vista nos dias atuais como algo ultrapassado, ainda é seguida por uma pequena parcela dos japoneses. Em um formato mais tradicional do costume, a pessoa que deseja se casar se inscreve em uma empresa especializada e preenche um perfil, normalmente com a ajuda da família. A empresa verifica um pretendente disponível e, caso os dois lados concordem, eles se encontram com a intenção de buscarem compatibilidades para um casamento.

Em seguida, se o encontro for proveitoso e as famílias dos aspirantes para o casamento também forem compatíveis, eles se casam alguns meses após o primeiro encontro. Tradicionalmente, o *omiai* era um evento bastante formal, porém atualmente tornou-se um costume mais casual, como um encontro às cegas organizado por amigos, ou como encontros marcados por aplicativos de relacionamentos – comparação, aliás, feita pela própria mãe de Retsuko enquanto tenta convencer a filha a aceitar um encontro arranjado.

Atualmente, devido às condições de trabalho não muito favoráveis e à escassez de políticas públicas voltadas para auxiliar a maternidade, algumas mulheres têm optado por não se casar nem ter filhos, o que influencia a baixa taxa de natalidade que o Japão enfrenta nos últimos anos. Além disso, ainda existe um grande tabu quando se trata de divórcio no Japão. É interessante observar que a expectativa do casamento, apesar de ser mais intensa sobre as mulheres, é uma pressão social que atinge a todos. Normalmente, espera-se que as mulheres se casem até 25 anos e que os homens se casem até os 30 anos, e a

instituição do casamento é tratada como se fosse o único caminho possível para um japonês.

Conforme o esperado de uma *Office Lady*, o casamento é um tema recorrente na vida de Retsuko. A primeira vez que demonstra interesse em se casar é durante um dia cansativo no trabalho enquanto come cascas de pão escondida no almoxarifado, pois não tinha mais dinheiro para se alimentar direito naquele mês.

Nesse momento, Retsuko vislumbra uma vida em que finalmente se livraria de seu trabalho “tóxico”, construindo uma família e cuidando da casa em tempo integral. A motivação para a protagonista pensar em casamento, portanto, não parte de uma vontade legítima de encontrar um amor, vendo o vínculo com outra pessoa apenas como uma forma de não precisar mais se submeter às situações desagradáveis que a cercam em seu ambiente de trabalho.

Depois disso, passa a considerar o caminho que se espera de uma OL, o que nos faz perceber o quanto esse sistema problemático é um ciclo que se retroalimenta: as mulheres são recebidas no mercado de um modo nada receptivo, transformando o ambiente de trabalho num lugar desconfortável para elas, até que se cansam de serem menosprezadas e decidem abrir mão de suas carreiras.

Com isso, reforça-se a ideia de que mulheres estão trabalhando apenas para encontrar um marido e que em breve abandonarão seus cargos em detrimento do casamento. Uma pesquisa do Ministério de Assuntos Internos e Comunicações do Japão mostra que a participação feminina na força de trabalho faz uma curva em “M”, que representa a queda correspondente às idades em que as mulheres costumam casar ou ter o primeiro filho, o que as leva a deixar o emprego.

Essa pesquisa mostra que 81,7% das mulheres entre 20 e 24 anos estão no mercado de trabalho, e esse percentual cai para 73,2% entre 30 e 34 anos e 71,8% entre 35 e 39 anos, subindo depois para 78,5% entre 45 e 49 anos. Ou seja, muitas mulheres se veem obrigadas a largar seus trabalhos quando têm filhos, mas algumas delas voltam para o mercado à medida que os filhos crescem. Isso é prejudicial para elas, pois passar anos afastadas de suas carreiras torna ainda mais difícil que consigam ter uma vida profissional bem-sucedida.

Na quarta temporada, a evasão do trabalho por causa da maternidade é abordada através da personagem Kabae, uma mulher casada e com três filhos que passa a ser cobrada de modo desproporcional pelo novo chefe do setor de contabilidade. A personagem se vê sem opções quando o trabalho passa a ser intolerante quanto às suas obrigações maternas, sendo obrigada a abandonar sua carreira profissional.

5.1 Retsuko e o casamento

Em sua busca por um marido, a protagonista esbarra em alguns pretendentes diferentes. O primeiro deles é Resasuke, colega de trabalho do setor de vendas. Embora o veja como uma pessoa sem muitos atrativos, Retsuko tenta se convencer de que está feliz em seu relacionamento para tentar construir o futuro que havia projetado. Após perceber a indiferença do namorado em relação a ela, Retsuko se dá conta de que não encontraria a relação que buscava com ele.

Na segunda temporada, vemos a pressão que a panda-vermelho sofre por parte de sua mãe para se casar logo. Numa tentativa de pressionar a filha, a mãe a coloca em um *omiai* com Shirota, um urso “bonitão” de 34 anos que nunca se casou. Embora esteja em um encontro arranjado contra sua vontade, Retsuko se interessa por Shirota, que demonstra ter medos parecidos com os dela em relação ao casamento. Mesmo tendo achado o rapaz muito gentil, decide rejeitá-lo por não se sentir capaz de dar um passo tão grande quanto um casamento.

Para fugir de mais encontros arranjados por sua mãe, a protagonista decide ocupar seu tempo livre na auto-escola, e passa a focar em tirar sua carteira de habilitação. Por mais que tenha parecido apenas uma maneira de convencer a mãe de que estava se tornando uma adulta responsável, Retsuko demonstra estar interessada em “ir para bem longe”, e vê o ato de dirigir como um modo de retomar o controle de sua vida, para poder ir - literalmente - para onde quisesse. A série constrói, assim, um paralelo entre aprender a dirigir e tomar as rédeas da própria vida.

Na auto-escola, Retsuko conhece Tadano, um pretendente com quem tem uma relação que estremece suas percepções quanto ao trabalho e ao casamento. Quando o conhece, a protagonista se interessa por sua personalidade, porém não o vê como um potencial pretendente por acreditar que o jovem está desempregado, além de parecer uma pessoa imatura e irresponsável.

No entanto, Tadano revela ser o diretor executivo de uma empresa multinacional de tecnologia que trabalha desenvolvendo inteligências artificiais. Assim, Retsuko vê a oportunidade perfeita de se casar por amor com alguém que tem dinheiro o suficiente para que nunca mais precisasse se submeter às mazelas do trabalho. O pretendente, porém, não vê sentido na instituição do casamento e não tem intenção de ter filhos, o que abala a vida perfeita que a protagonista estava planejando.

As ambições de Tadano também mexem com as convicções da protagonista, pois o jovem sonha em desenvolver inteligências artificiais que tornem o trabalho obsoleto, para que as pessoas possam usar seu tempo no que realmente querem fazer. Apesar das boas intenções, Tadano acaba magoando Retsuko, que se percebe uma pessoa que não sonha em fazer nada específico e é muito boa em “apenas seguir regras”. Ao ouvir que “a empresa andarà sem você”, a protagonista se sente só uma peça dispensável na grande engrenagem que é o mercado de trabalho.

Existe um diálogo muito interessante entre Retsuko e o Supervisor Porcão no final da segunda temporada, quando a panda pensa em se demitir para seguir uma vida incerta com Tadano. Nessa conversa, Retsuko repete as palavras do namorado, dizendo que o casamento não faz sentido e que não sente necessidade de se casar para seguir uma vida com ele. Então o chefe divaga:

Enfim, a vida de uma pessoa comum é longa e tediosa. As pessoas precisam se ancorar para viverem. Fiz do casamento e família minhas âncoras para me convencer de que essa vida chata valia a pena. Foi o que decidi para mim. O Tadano não precisa desse tipo de ilusão. Ele é diferente de todos nós. Não se deixe enganar.

Essa fala representa uma dualidade presente na cultura de trabalho japonesa, que é também uma das grandes angústias de Retsuko: o estereótipo do gênio inventivo com forte senso de liderança em contraponto com o estereótipo do funcionário regrado e competente, que não tem iniciativa nem ambição de comandar.

A protagonista acredita que precisa ser uma profissional audaciosa e determinada, porém não se encaixa nesse perfil. Enquanto isso, a busca de Tadano por automatizar trabalhos menos criativos faz com que a panda creia que ele não consegue ver valor no tipo de funcionária que ela é. Por fim, Retsuko acaba se dando conta do quanto seus valores são diferentes e decide romper o relacionamento com Tadano.

As experiências amorosas serviram para que a protagonista amadurecesse suas opiniões sobre trabalho e casamento. No início da história, vemos uma personagem que não tem convicções nem vontades quanto ao casamento e demonstra detestar seu emprego. Ao longo das temporadas, Retsuko percebe que, de certa forma, almeja construir uma família como qualquer outra *Office Lady*, assim como acaba reconhecendo o quanto preza por seu trabalho.

Ainda que descubra a importância dessas instituições em sua vida, a panda-vermelho não consegue deixar de questionar o papel social que se espera que ela desempenhe, encontrando-se num impasse. A protagonista quer se casar, mas não da maneira que a sociedade espera; e quer trabalhar, mas não sofrendo as repressões às quais as mulheres são submetidas. Desse modo, vemos uma personagem que está de mãos atadas quanto ao seu próprio futuro.

6 Conclusão

A animação realiza um ótimo trabalho ao retratar uma sociedade com questões tão complexas. A trajetória de Retsuko é a representação da maneira como a sociedade japonesa se relaciona com essas instituições. O casamento e o trabalho a definem como uma mulher japonesa e, embora a animação critique essas instituições, ela expressa também a sensação de incapacidade do indivíduo de lutar contra este cenário diante dos problemas resultantes da estrutura capitalista na qual o país está inserido.

Isso somado ao histórico patriarcal japonês, deixa claro o quanto o mercado de trabalho não é um lugar pensado para ser confortável para as mulheres, que muitas vezes se veem obrigadas a lidar com todo o tipo de situação desagradável no trabalho ou desistir de suas carreiras e buscar um casamento.

Como vimos, o casamento também não é um lugar de conforto e segurança garantido. Muitas mulheres atualmente buscam por independência e não querem abrir mão de suas carreiras ao se casarem, no entanto, quando têm filhos, são recebidas no mercado de trabalho de uma maneira nada receptiva. No fim das contas, se casar e abdicar do trabalho se torna a única opção viável, tendo em vista que o ambiente profissional trata as mulheres como se não fossem aptas a se dedicarem a construir carreiras sólidas e bem-sucedidas.

Por fim, por mais que Aggretsuko identifique esses problemas, a série não se propõe a vislumbrar soluções para eles. Na verdade, as amarras sociais japonesas são retratadas como obstáculos

intransponíveis, que subjugam os que tentam se desvencilhar dessas normas. A lógica capitalista é retratada como imbatível, assim como os danos que a mesma causa em outras instituições.

Note-se, por fim, que, mesmo tratando de assuntos densos e delicados, a animação utiliza o humor como ferramenta para suavizar essas questões. Tanto a estética *kawaii* como o uso de animais antropomorfizados são características que facilitam na construção desse universo de modo que as críticas sejam feitas sem que o tema seja abordado de maneira dramática, permitindo que esse debate atinja a diversos públicos.

Referências

- JOY, Alice. **Pink Collar Workers: The Truth About Japan's Office Ladies**. Culture Trip, 2017. Disponível em: <<https://theculturetrip.com/asia/japan/articles/pink-collar-workers-the-truth-about-japans-office-ladies/>>. Acesso em: 07 de abril de 2022.
- LEE, Dami. **Netflix's Aggretsuko show is a shockingly insightful portrait of feminine rage**. The Verge, 2018. Disponível em: <<https://www.theverge.com/2018/5/1/17302544/netflix-aggretsuko-show-sanrio-character>>. Acesso em: 07 de abril de 2022.
- MARTIN, Alex K.T. **Japanese workers feel guilty taking time off and use fewer holidays than their international peers: survey**. The Japan Times, 2017. Disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/news/2017/12/12/national/japanese-workers-feel-guilty-taking-time-off-use-fewer-holidays-international-peers-survey/#.WvE0jdOFPJM>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.
- N, Natália. **Omiai: a secular prática dos encontros arranjados para fins matrimoniais no Japão**. Coisas do Japão, 2020. Disponível em: <<https://coisasdojapao.com/2020/12/omiai-a-secular-pratica-dos-encontros-arranjados-para-fins-matrimoniais-no-japao/>>. Acesso em: 07 de abril de 2022.
- NAÍSA, Letícia. **O que é Cultura Kawaii? Onde surgiu e quem criou esse estilo?**. TAB Uol, 2020. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/faq/cultura-kawaii.htm>>. Acesso em: 10 de Abril de 2022.
- ORTLIEB, Jasmine. **Dealing with Honne and Tatemaie in Japan**. Jobs in Japan [online]. 21 jun. 2021. Living in Japan. Disponível em: <<https://jobsinjapan.com/living-in-japan-guide/dealing-with-honne-and-tatemaie-in-japan/>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- SHIMADA, Pollyana Saori; FEITOSA, Jennyfer Luana; OLIVEIRA, Felipe César Silva de. **O PAPEL DA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA**. ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, São Paulo, v. 17, n. 17, 2021. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/9243>>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- SHOJI, Kaori. **The thorny topic of 'office flowers'**. The Japan Times, 2002. Disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/life/2002/12/16/language/the-thorny-topic-of-office-flowers/>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

- SPACEY, John. **Office Ladies in Japan**. Japan Talk, 2015. Disponível em: <<https://www.japan-talk.com/jt/new/office-ladies-in-Japan>>. Acesso em: 5 abr. 2022.
- THOMPSON, Nevin. PECKITT, Michael. BRAGA, Luíza. **Como o abuso de poder e o “karoshi” continuam a causar sérios problemas para trabalhadores japoneses**. Global Voices [online], 21 mai. 2018. Direitos Humanos. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2018/05/21/como-o-abuso-de-poder-e-o-karoshi-continuam-a-causar-serios-problemas-para-trabalhadores-japoneses/>>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- WOOD, Virginia Parker. **What I Learned About Sexism as an Office Lady in Japan**. Huffpost, 2017. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/what-i-learned-about-sexism-as-an-office-lady-in-japan_b_59ceff06e4b0f58902e5cc52>. Acesso em: 7 abr. 2022.

DATA DE ENVIO: 4 de junho de 2022 | DATA DE APROVAÇÃO: 23 de fevereiro de 2023